

O lugar do intelectual pós-moderno

Ronaldo Boschi*

RESUMO

Busca-se, neste texto, discutir o lugar do intelectual pós-moderno como um espaço virtual, similar ao espaço da própria criação artística. Esse espaço, marcado pela idéia do não-modelo, evidencia sua ambigüidade, na medida em que não se vale de fronteiras bem demarcadas, invadindo outros espaços e deixando-se invadir por eles.

Só mesmo a liberdade e as possibilidades consumistas contemporâneas permitem que a vitrine pós-moderna traga à tona os resíduos da cultura universal – pelo *desvario* do olhar transparente e do lugar virtual; através de cartas reminescentes e de anotações; de textos literários hoje desengavetados e publicados – à venda, não importa onde nem por qual valor. Tudo fácil, à mão. As bibliotecas fartas, as bancas de revistas, os sebos, as revistas especializadas, as publicações milionárias, as manchetes, as grandes reportagens. A vitrine pós-moderna coloca à venda todo tipo de conhecimento documentado em três mil anos de ação da humanidade.

No campo da literatura, preciosidades esquecidas são retomadas. O sucesso comercial e crítico do livro biográfico, segundo Silviano Santiago no ensaio “Brasil, mostra a tua cara” (1996, p. 7), faz-nos lembrar que a globalização tem mais uma vez tornado a mímese coletiva, hoje universal, num não-modelo, em contraste com a busca da nacionalização de nossos autores de fins

* Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

do século passado e princípios do modernismo no Brasil. E viva a fragmentação. Cada vez mais distanciados do otimismo nacionalista dos anos 20, ou da autocrítica desenvolvimentista da literatura dos anos 30, vemos, lemos ou criamos textos mais alegóricos, distanciados, o que Brecht (1898-1956) já percebia através de sua “teoria do distanciamento”, sua crítica, ou mesmo de sua prática na formalização de seus textos teatrais fragmentados, sem linha contínua de ação. (Brecht, 1967)

Mário de Andrade, o criador do *desvairismo*, parece ter percebido *a priori* a situação, mostrando-se assim como um profeta da modernidade que propunha que a obra de arte tivesse princípio e fim em si mesma, a modelo de Paulicéia desvairada (Andrade, [19--]). Mário sempre se mostrou disponível para todas as escolas, todas as tendências (Andrade, 1990, p. 28). Para ele, após a concretização de uma obra, o modelo fica “velho”, já que, concretizado, é absorvido pela cultura.

Cria-se, demonstra-se, repassa-se, desmonta-se e destrói-se (será possível destruir?). Conclui-se: Recriar não é criar. Cada obra, cada novo olhar, cada novo lugar, espaço, só é novo enquanto recém-percebido e somente até ser percebido socialmente. A partir de então, torna-se um novo produto na praça. Mas, que fique claro, *os borrões* que remetem a outras épocas ou fatos, estes ficarão. As pontes jamais serão destruídas. Os caminhos e descaminhos estarão sempre nas pistas deixadas pelas pegadas do próprio homem. Não foram 3000 anos em vão. Viva *Clarice!* A literatura sobrevive nos *borrões*, mesmo quando ouvimos o eco de vozes que ressoam idéias artaurianas (Artaud, 1984) berrando: *abaixo as obras de arte* (leia-se modelos). É o modelo – fruto da concretização sensível do artista em primeira percepção, criação – que instrumenta o poder e não o poder que determina modelos, como se supõe. É o modelo que também instrumenta o crítico. O modelo é anterior à opinião crítica. O modelo é o lugar do crítico. É através do modelo que o crítico analisa. Ora, se há modelo, não há arte, não é novo.

A pós-modernidade amadureceu a ruptura *moderna*, diminuindo-lhe o ímpeto, tornando-a transitiva direta, menos destrutiva, mais apropriativa. Apropria-se do outro texto – o modelo – do outro conhecimento, da outra forma, assim como o crítico de arte apropriava-se da obra de outrem para expressar-

se, criar “seu” texto, dar a “sua” opinião que, tornada pública, passava a ser a da massa, quando ignorante, ou a do intelectual, quando absorvida criticamente, brechtianamente. Importa na pós-modernidade, sobretudo, a visão crítica, a percepção a partir do eu, pessoal, intransferível, diante do social, político, cultural. Intelectuais em ascensão, *nouveaux-intellectuels*, ou intelectuais em trânsito?

Questionamos: quais os caminhos/espços para o “intelectual” na pós-modernidade? Qual o *lugar* do intelectual pós-moderno? Para responder a essas perguntas, faz-se necessário examinar algumas opiniões, diversificadas e, às vezes, até mesmo antagônicas, num painel sobre a função do intelectual através dos tempos:

Para Julien Benda: “intelectual” é o pequeno grupo de superdotados e moralmente dados como reis filósofos, que constitui a consciência do gênero humano (*apud.* Said, 1994). Percebemos nessa postura a idéia do “gênio”, do privilegiado, do homem “escolhido”, visão que ainda encontra eco em nossa sociedade.

Antônio Gramsci, discutindo a questão do intelectual orgânico, diz que “todos os homens são intelectuais (...), mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”. (Gramsci, 1982, p. 7)

Jean Paul Sartre afirma que o intelectual é “um monstro que reflete a própria sociedade que o criou” (Sartre, 1994, p. 31) tendo, pois, por ofício viver a sua contradição por todos e vencê-la por todos, através do radicalismo. Por sua própria contradição ele se torna o guardião da democracia. Sartre contextualiza o lugar do intelectual, inserindo-o na sociedade em que vive e ao mesmo tempo ampliando-o por sua capacidade de reflexão sobre essa mesma sociedade. Nesse dualismo mora a “diferença” entre o homem comum e o intelectual sartriano.

François Bourricaud diz que a responsabilidade por excelência do intelectual é a de refletir os mecanismos da projeção e as conseqüências estratégicas do desejo. E mais: “ainda que nem todos os intelectuais sejam gênios, possuem em matéria cognoscitiva e sobretudo nos distintos âmbitos de expressão (lingüística, lógica ou estética) perícia e habilidade maiores que as do resto da população” (Bourricaud, 1990, p. 10). Nesse conceito, também percebemos implícita a postura do ser privilegiado por sua “perícia” e “habilidade”. O intelec-

tual de Bourricaud forma-se a partir de sua própria experimentação e pesquisa em busca da concretização do desejo. Mais uma vez temos em primeiro plano a “diferença” entre o homem comum e o intelectual nos moldes convencionais.

Norberto Bobbio diz que todo intelectual tradicional já foi orgânico e conclui que uma das tarefas do intelectual é “dar sua contribuição ao advento de uma sociedade na qual a distinção entre intelectuais e não intelectuais não tenha mais razão de ser” (Bobbio, 1997, p. 108). Bobbio já introduz a desmontagem da “diferença” entre o intelectual e o homem comum através da participação, integração e/ou intervenção no social. É uma proposta de desmontagem do modelo convencional.

Para Michel Foucault, intelectual é aquele que trabalha uma disciplina mas que é capaz de usar sua sabedoria em qualquer caso. Age sob a base de princípios universais: liberdade e justiça (Foucault, 1995, p. 70). As causas amplas – liberdade e justiça – no olhar do intelectual de lugar definido (sua disciplina), possibilitam-lhe o exercício de seu saber numa postura ao “avesso”, que parte do lugar social para a valorização e percepção do saber individual.

Mais recentemente, Edward Said diz que o intelectual incomoda o público, já que o faz pensar (Said, 1994). No conceito de Said o intelectual ocupa o lugar do filósofo, do agente cultural, do provocador, por sua postura instigante.

Russel Jacoby mostra que “ao contrário dos intelectuais do passado, eles (os intelectuais de hoje) se situam dentro de especialidades e disciplinas por uma boa razão. Seus empregos, carreiras e salários dependem da avaliação de especialistas, e esta dependência afeta as questões levantadas e a linguagem empregada”. (Jacoby, 1990, p. 19)

No contexto latino-americano, Adriana Pérsico discute os espaços acadêmicos e a recuperação dos espaços públicos, propondo aos intelectuais a responsabilidade pela construção permanente da memória social (Pérsico, 1998, p. 71-78). Temos nessa proposta um lugar bastante definido para o intelectual: o do observador, e do homem de “registro”. Uma proposta apolínea, que não foge do modelo e lugar convencionais nem atenta ou explicita um novo lugar para o intelectual na pós-modernidade.

Beatriz Sarlo propõe a crítica cultural pós-moderna como um possível

discurso (leia-se “lugar”) dos intelectuais, o pensamento crítico como uma perspectiva e o lugar das artes como uma experiência dos limites (Sarlo, 1997, p. 159-182). A proposta de Sarlo localiza melhor o intelectual, prevendo-o em seu espaço/lugar, tempo e olhar crítico pós-modernos, numa perspectiva da experimentação-arte.

A questão da “dependência” é encarada também por Daniel Pécaut, em seu estudo sobre intelectuais no Brasil, ao demonstrar que, ao longo do nosso percurso, através dos anos 30 e 50, não encontramos muitos intelectuais inclinados ao elogio da democracia formal. (Pécaut, 1990, p. 192)

Sérgio Miceli afirma que o traço mais característico da contribuição da elite intelectual e burocrática brasileira reside nas diversas frentes em que se desdobra sua atuação política e cultural (Miceli, 1979, p. 147). Miceli postula que os intelectuais modernos viveriam à sombra do Estado, servindo-o de uma forma ou de outra.

Também em Silviano Santiago vamos encontrar a afirmativa de que o namoro com as idéias de participação social e política, herança certa da traição dos homens de espírito, segundo a expressão e a tese de Julien Benda, levou os artistas brasileiros a uma aproximação gradativa do Estado na década de 30, sob um vínculo empregatício. (*apud*. Andrade, 1982, p. 165)

Discorrendo sobre a mudança de função do intelectual no mundo contemporâneo, George Yúdice denuncia o privilégio do intelectual do passado: “Se é verdade que os intelectuais advogaram a favor dos subalternos, também é verdade que monopolizaram o lugar que outros poderiam ter criado”. Propõe, então, uma transnacionalização dos valores, buscando, assim, que eles se mantenham em conflito. (Yúdice, 1999, p. 305-320)

Tais posições sobre o intelectual, a despeito de sua diversidade, ou por isso mesmo, evidenciam a ambigüidade de seu lugar e sua função na sociedade, seja na moderna, seja na pós-moderna.

Mário de Andrade vem a ser o melhor exemplo dessa ambigüidade. Intelectual “prensado” entre o *laissez faire* ou a “traição” do intelectual, Mário “monopoliza” o espaço cultural da época, ao mesmo tempo em que se recusa a ser modelo para seus pares, o que nos é testemunhado por suas cartas e seus escritos.

Mário de Andrade diz “que o intelectual (...) é, por excelência, o revolucionário disponível”, mas postula que “o intelectual legítimo não se preocupa com a possível eternidade de suas verdades” (Andrade, 1990, p. 23). Com apenas estas duas afirmações, julgamos extremamente justificada a “tomada” do “poder cultural” pelos artistas cooptados pelo governo, o que seria uma estratégia guerreira do movimento modernista brasileiro.

Em *Querida Henriqueta*, Mário dá-nos testemunho de sua consciência e ousadia intelectual: (...) “o que sei é que da minha geração *intelectual* tive esse mau destino de ser galã profissional, o eterno Romeu namorado por todas as tendências, todos os grupos, todas as escolas” (Andrade, 1990, p. 28). Esta aparente “imprecisão” de lugar/espço/tempo faz de Mário de Andrade um precursor da pós-modernidade, mesmo que o “aqui agora” moderno seja extremamente confessado em suas cartas aos amigos sempre substituído pelas dúvidas, questionamentos e até mesmo paradoxos, levando-nos à percepção de sua consciência intelectual da modernidade e, *avant la lettre*, do não-modelo pós-moderno. Repetimos: “O intelectual legítimo não se preocupa com a possível eternidade de suas verdades” (Andrade, 1990, p. 23). Eis o “aqui agora” transformado em lugar indefinido, espaço universal, atemporal.

No painel da pluralidade de olhares sobre o intelectual, apreendemos os olhares dos jogos de poder culturais, políticos, sociais, nos quais o intelectual, classe privilegiada, é colocado na berlinda. Numa visão pós-moderna, Steven Connor declara:

Chambers segue Foucault, ao defender a substituição do intelectual “universal”, que fala imperiosamente em benefício da humanidade, pelo intelectual “específico”, imerso inescapavelmente nas condições particulares do seu tempo: o intelectual já não pode ser considerado um dispensador da lei e da autoridade, o poeta-sacerdote-profeta romântico, sendo antes um humilde detetive, que vive, como todos nós, submetido à autoridade e à lei (leia-se Poder), dentro da metrópole contemporânea. (Connor, 1989, p. 171)

Se retomamos Foucault quando diz que o intelectual é aquele que trabalha uma disciplina mas que é capaz de usar sua sabedoria em qualquer caso, aquele que age sob a base de princípios universais: liberdade e justiça, vamos notar que já está implícita aí a percepção dos muitos lugares do intelectual,

permitindo que o discurso intelectual-acadêmico seja invadido por outras formas culturais, digamos globalizadas. Denominamos aqui “acadêmicos”, todos os “modelos” preestabelecidos, que dependam de modelos apriorísticos que subentendem antecipadamente o *déjà vu*. O lugar do intelectual confundia-se com o do crítico. Hoje não mais. O lugar do crítico está esvaziado pelo desmoronamento dos “modelos”. O lugar do intelectual, conforme Sarlo, propõe a crítica cultural pós-moderna como um possível discurso, o pensamento crítico como uma perspectiva distanciada (vide Brecht) e o lugar das artes como uma experiência dos limites (Sarlo, 1997, p. 159-182). Só há criação quando os limites são ultrapassados, transgredidos.

Ora, direis, são apenas palavras. Não! As possibilidades pós-modernas já se evidenciam na massa. As possibilidades dessa percepção dos lugares e espaços já se fazem presentes no nosso dia-a-dia. Não mais nos assustamos ao percebermos que há um novo tratamento para um gesto habitual, ou na relação com os bancos, ou das contas a pagar, ou da forma telefone/uso/celular, ou da intromissão via internet, ou do *Rap*-denúncia. Deslocados, a princípio, fazemos agora de nós mesmos os “senhores” daquele saber que, mesmo determinado pelo Poder – poder da comunicação pós-moderna – faz-nos sentir “donos” da “realidade” virtual. — Me engana que eu gosto”.

Direis então: mas estes não são “intelectuais”. São massa! Sim, já que o intelectual teria sua visão crítica, sua atenção e seu lugar definidos, social, política, cultural e/ou didaticamente. Mas se lembrarmos Jacoby – “ao contrário dos intelectuais do passado”, os intelectuais de hoje “se situam dentro de especialidades e disciplinas por uma boa razão. Seus empregos, carreiras e salários dependem da avaliação de especialistas, e esta dependência afeta as questões levantadas e a linguagem empregada” (Jacoby, 1990, p. 19). Diremos juntos então – percebendo que o mundo capitalista pós-moderno, em sua postura globalizante, envolve de tal forma todas as classes que: intelectuais em ascensão, *nouveaux intellectuels*, ou intelectuais em trânsito somos todos nós, pois, conforme diz Gramsci, “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”. (Gramsci, 1982, p. 7)

Isto posto, podemos voltar a Sarlo e repensarmos o lugar do intelectual como o da crítica cultural pós-moderna, como um possível discurso com uma

perspectiva distanciada (vide Brecht) e o lugar das artes como uma experiência dos limites. (Sarlo, 1997, p. 159-182)

Ao questionarmos quais os caminhos/espços para o “intelectual” na pós-modernidade, vamos notar que, apesar de todo o desenvolvimento ocorrido pela percepção moderna, aparentemente demolidora dos hábitos e costumes de final de século passado, temos sofrido, pela ação mimética e lenta dos processos sociais, uma influência negativa, esta sim, demolidora, das possibilidades do novo. A postura acadêmica de final do século ainda predomina, enfatizando modelos, ditando regras e tentando perpetuar espaços já demolidos pela ação da massa, mesmo que inconsciente e manipulada pelo poder, sobretudo o político e o econômico. Os intelectuais, que ainda permanecem no poder, julgando-se intocáveis, começam a perceber que o pedestal de barro foi rompido. Fernando Peixoto, em *Brecht, vida e obra* explica que, nesse momento de percepção do jogo do poder, prevalece a teoria de Brecht:

Os intelectuais e artistas são ingênuos que ainda mantêm a ilusão de que todo o comércio da engrenagem pretende a valorização de seus trabalhos quando acontece o contrário: convencidos de possuir o que realmente os possui, defendem uma engrenagem que não controlam mais; um aparelho que não existe mais, como acreditam, a serviço dos criadores, mas que, pelo contrário, voltou-se contra eles e portanto contra sua própria criação (na medida em que isto apresenta tendências específicas e novas, não conformes ou mesmo opostas à engrenagem). O trabalho dos criadores não é mais que um trabalho de fornecedores e assiste-se ao nascimento de uma noção de valor cujo fundamento é a capacidade da exploração comercial. (Peixoto, 1974, p. 100)

Sintetizando, retomamos e reforçamos a percepção de que intelectuais em ascensão, *nouveaux intellectuels*, ou intelectuais em trânsito somos todos nós; inclusive eles, os homens do poder econômico, político, social, cultural; a massa; todos os seres pensantes. A consciência do “livre-arbítrio” dá-nos hoje – pós-modernidade – a sensação de plena liberdade de ação. Nunca o homem foi tão livre para criar. Há espaço, há mercado, há consumo. Dá-se melhor com a “realidade” contemporânea, aquele “intelectual” que desempenha todos os papéis que lhe são possibilitados no grande espetáculo da pós-modernidade, mesmo que numa interpretação virtual.

E viva Mário de Andrade, o profeta da modernidade, ao dizer que “o

intelectual (...) é, por excelência, o revolucionário disponível”, ao mesmo tempo em que diz: “o intelectual legítimo não se preocupa com a possível eternidade de suas verdades” (Andrade, 1990, p. 23). Pode parecer paradoxal, mas atende à proposta pós-moderna: não mais “isto ou aquilo”, mas “isto e aquilo”.

Podemos perceber, então, em Mário de Andrade, em sua obra, em sua postura de intelectual, aquele olhar crítico que hoje diríamos pós-moderno, de quem dizia não querer ser mentor de alguém. Mas ele o fez constantemente por sua ação intelectual permanente, sua capacidade de influência e sua postura lúdica, questionadora e experimentalista. Eis aí uma – das muitas possíveis – postura pós-moderna solicitada ao intelectual. Postura, enquanto proposta não formal, crítica, não modelo, exercício, possibilidade, ousadia, jogo, arte, JOGO-ARTE.

Isto posto, questionamos o possível lugar do intelectual pós-moderno. Retomamos nossa sugestão anterior da possibilidade do “nouveau-intellectuel”, não mais aquele que esteja contido em qualquer modelo, mas aquele outro, virtual, intocável, que não possa ser percebido enquanto observador, mas que possa ser desfrutado pelas possibilidades de consumo contemporâneas, ao tornar concreta a sua idéia. Já é assim, sempre foi assim. Nada se criou antes/depois do criador. Nada se inventou antes/depois do inventor, nem no campo da ciência, nem da tecnologia nem das artes. Foi para este “óbvio” que Clarice Lispector e Nelson Rodrigues, dentre muitos outros, nos alertaram. A invenção está para o mundo concreto assim como a idéia criativa está para o mundo virtual. A realidade virtual não é uma fantasia, mas é apenas uma viagem ainda não realizada. O novo, virtual, está aí, solto nas idéias, às mãos do homem. Falta achar. O desconhecido, só o é, por permanecer idéia. O conhecido, só o é, por ser a concretização de uma idéia. Criar é puxar do abstrato, do virtual, para o concreto. Todo abstrato é viável de concretizar-se. Aí mora o intelectual pós-moderno, justamente aí, nesse lugar da possibilidade de concretização do abstrato. A expressão das idéias novas seria o lugar do intelectual. A percepção das idéias novas seria o lugar do artista. A materialização das idéias novas é o lugar do capitalista. A pós-modernidade parece-nos ser a mais vasta possibilidade do homem-artista, do homem-intelectual, do homem-criativo, posto sua liberdade e sua declarada transparência. Tudo pode. Não mais isto ou aquilo, mas isto e aquilo.

Assim sendo, propomos para o intelectual o lugar de maior espaço e possibilidades já oferecidas ao homem nestes últimos três mil anos: *o lugar virtual*, entendendo-se por isto, o lugar do Deus de toda e qualquer religião: o desconhecido. É lá que moram as possibilidades. É lá que mora a voz do oráculo, a voz de Deus. Já que o homem, mesmo o pós-moderno, não pode obter a resposta de sua origem nem de seu fim, que possa pelo menos desfrutar de um lugar privilegiado: o de Deus. É lá que mora a criatividade, a descoberta, a percepção. É este o lugar do intelectual pós-moderno – *o lugar virtual* – de onde poderá observar brechtianamente, criticamente, o mundo-terra e obter sua conexão com a criação, com a percepção do novo, mesmo que ainda virtual.

O ato de um literato de concretizar as idéias através das palavras, que são apenas signos, ficção, fá-lo um mágico, um virtuose, um virtual. Aquilo que já existia, idéia, foi percebido pela sensibilidade daquele literato, e aprisionado em sua expressão – palavra. Saussure explica. Mas antes de qualquer lingüista, a linguagem já existia, virtualmente. O crédulo diria que Deus a criou. O intelectual desmonta-lhe a forma, demonstra-a. Dessa mesma maneira, os “desvairistas” percebem: cria-se (o artista), demonstra-se (o crítico), repassa-se (o capitalista), desmonta-se (o intelectual), consome-se (a massa) e destrói-se – será possível destruir?

RÉSUMÉ

Le lieu de l'intellectuel de la post-modernité discute le videment des modèles autoritaires dictées par le pouvoir culturel et propose un nouveau lieu pour l'intellectuel: le virtuel.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- ANDRADE, Mário de. Paulicéia desvairada. In: *Poesias completas*. São Paulo: Círculo do Livro, [19--].
- _____. *Querida Henriqueta*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990.
- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Max Limonad, 1984.

- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da UNESP, 1977.
- BORRICAUD, François. *Les intelectuales y las pasiones democráticas*. Trad. Nora Pasternac et al. Mexico: Universidad Autónoma de México, 1990.
- BRECHT, Bertold. *Teatro dialético*. Trad. de Florian Geyer e outros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Os intelectuais e o poder. Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- JACOBY, Russel. *Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Trajetória/EDUSP, 1990.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. (Entre o Povo e a Nação). Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.
- PEIXOTO, Fernando. *Brecht, vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- PÉRSICO, Adriana R. *Intelectuales hoy: ni anfitriones ni turistas*, in ANTELO, Raul et al. (Orgs.). *Declínio da arte, ascensão e cultura*. Florianópolis: Abralic/Letras Contemporâneas, 1998.
- SAID, Edward. *Representations of the intellectual*. New York: Vintage Books, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. *Brasil, mostra a tua cara*. In: *Jornal do Brasil*, 20 de abril de 1996.
- _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SARLO, Beatriz. *Intelectuais: cenas de vida pós-moderna*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.
- SODRÉ, Moacir Werneck, ANDRADE, Maria de. *Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- YÚDICE, George. *Pós-modernidade e valores*. In: MIRANDA, Wander (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.